

Nércio Antônio Alves



NÓS ABORTAMOS...
ESPÍRITOS DIVERSOS

NOS ABORTAMOS...

“NÃO MATARAS” 5.º Mandamento
(Decálogo — Êxodos: cap. XX, vers. 13)

Neste livro, com todo o respeito, tomamos a liberdade de utilizar trechos do EVANGELHO DE JESUS CRISTO, e perguntas e respostas provenientes d'O LIVRO DOS ESPÍRITOS, conforme veremos a seguir, para melhor facilitar ao querido leitor o entendimento do mesmo.

Também, queremos informar que em algumas mensagens se encontram os termos populares, os quais deverão ser, na expressão espírita, entendidos como: nasci (reencarnei) ; nascer (reencarnar) e nascimento (reencamação). A presença dessa terminologia popular serve para conservar a autenticidade da mensagem.

O Médium

Pergunta n.º 166-b

D'O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Pergunta:

A alma tem muitas existências corpóreas?

Resposta:

Sim, todos nós temos muitas existências. Os que dizem o contrário querem manter-vos na ignorância em que eles mesmos se encontram; esse é seu desejo.

Pergunta n.º 686

D'O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Pergunta:

A reprodução dos seres vivos é uma lei natural?

Resposta:

Isso é evidente; sem a reprodução, o mundo corpóreo pereceria.

Pergunta n.º 687

D'O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Pergunta:

Se a população seguir sempre a progressão constante que vemos, chegará um momento em que se tomará excessiva na Terra?

Resposta:

Não. Deus a isso provê, mantendo sempre o equilíbrio. Ele nada faz de inútil. O homem que só vê um ângulo do quadro da Natureza, não pode julgar a harmonia do conjunto.

Pergunta n.º 693

D'O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Pergunta:

As leis e os costumes humanos que objetivam ou têm por efeito criar obstáculos à reprodução são contrários à lei natural?

Resposta:

Tudo o que entrava a marcha da Natureza é contrário à lei geral.

Pergunta n.º 358

D'O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Pergunta:

O aborto provocado é um crime, qualquer que seja a época da concepção?

Resposta:

Há sempre crime, quando se transgride a lei de Deus. A mãe, ou qualquer pessoa, cometerá sempre um crime ao tirar a vida à criança antes de seu nascimento, porque isso é impedir a alma de passar pelas provas de que o corpo devia ser o instrumento.

*Lembraí-vos de que a cada pai e a cada mãe perguntará Deus: Que fizeste do filho confiado à vossa guarda?''**

— Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XIV, item 9.

Evangelho Segundo o Espiritismo, obra de n.º 3, da codificação de Allan Kardec. Ano! de seu lançamento — 1864.

PREFACIO

Amigo Leitor,

Com todo respeito, peço permissão para esclarecer a todos vocês.

Como no livro II — “Os Abortados” — volto novamente a informá-los que não passo de um instrumento mediúnico imperfeito, pois, se não fosse a bondade dos abnegados Guias Espirituais, preenchendo as minhas deficiências com sua sabedoria e bondade, nada poderia ter feito.

Neste livro, em forma de mensagens-depoimentos, surge a oportunidade para aqueles que, mercenários ou não, utilizaram os meios abortíferos para destruírem fetos; se manifestarem, contando suas desventuras nas trevas, com o intuito de alertar o (a) leitor (a) das conseqüências, pela prática do aborto criminoso.

NÓS ABORTAMOS...

25

Sei, também, que talvez não possa ser compreendido pelo leitor(a) amigo(a), alegando agressividade ou animismo total de minha parte. Não me importo, porque tenho a consciência da tarefa desde que abracei a Doutrina Espírita.

Entre a omissão e a revelação, optei por levar a conhecimento público o que me foi destinado sobre o Aborto, que todos sabem ou deveriam compreender com boa vontade que é um ato desumano e inclemente contra a vida em formação. Portanto, neste pequeno livro se encerra a trilogia, cuja coordenação é dos nossos Mentores espirituais através da minha mediunidade psicográfica que, na verdade, não merecia essa missão importante.

Agradeço a Deus, nosso Pai Criador, por esta sublime oportunidade e também røgo aos queridos leitores perdão por alguma falha ou algum subentendido, porque só pøderia ter sido de minha procedência.

O Mèdium

I ENCERRAMENTO

Amados e queridos irmãos no Cristo de Deus!

Mais uma vez, o Senhor da Vida nos favoreceu esta aproximação.

Aproveito para colocar-lhes a par de que não sou a autora desta obra que completa a Trilogia sobre o aborto, mas sim uma pequenina e humilde colaboradora.

O Senhor da Vida, por acréscimo de Sua misericórdia, permitiu que eu entrasse em contato com nossos irmãos Espíritos, que têm seus corpos em formação ou em forma fetal, para trazerem ao público seus pedidos de clemência, a fim de não serem abortados ou que outros não venham a ser extermiinados, conforme mensagens apresentadas no livro I, intitulado — “PIEDADE!”

Na obra número II — “OS ABORTADOS” —, onde, com muito amor e carinho, coordenei os manifestos de nossos irmãozinhos abortados, para levarem aos leitores o conhecimento de suas desventuras na tentativa de reencarnarem, e acrescento que alguns deles estão no livro “PIEDADE!” recorrendo aos futuros pais os pedidos de clemência em formas de cartas, bilhetinhos e poesias, para não serem exterminados.

E, agora, novamente me encontro para auxiliar no complemento da *Trilogia*, cujas temáticas estão divididas, como se segue:

I — “PIEDADE!”

II — “OS ABORTADOS”

UI — “NÓS ABORTAMOS .. .”

Este último contém os manifestos daqueles que fizeram o uso de meios abortíferos. Uns para se libertarem de responsabilidades e sobrecargas na criação e educação. Outros, como mercenários, encontraram na fragilidade dos pequeninos seres em formação, meios de ganharem a vida, para manterem-se bem na sociedade e na profissão.

Os depoimentos de nossos irmãos, aqui registrados, são de livre e espontânea vontade. Eles procuram reparar suas faltas, contando-nos e alertando-nos que se evitem as práticas de aborto, cujas conseqüência não são animadoras. Eles sabem que terão de responder pelos erros cometidos, mas, mesmo assim, estão arrependidos e contam-nos seus remorsos, como descobrirão nas páginas seguintes.

Com suas tristes narrativas que constam deste pequeno livro, acabam por colaborar na campanha contra o aborto — um atentado desnaturai contra a vida por nascer.

Queridos irmãos, volto a informar-lhes que nem tudo está perdido. Por mais que tenham erros, sempre haverá novas oportunidades para reparação das faltas, quer nesta existência ou no futuro.

Mas, se ainda te encontra encamado(a), por que não aproveitar agora, se está caminhando junto de seus familiares e amigos? Por que deixar para amanhã, o que pode fazer hoje?

“Somente o amor cobre a multidão de erros e pecados.”

Endereçamos nossos olhares aos mais sofridos e aflitos, estendendo-lhes as mãos em socorro na prática da caridade sublime.

E o Senhor da Yida vendo o arrependimento e os esforços ao servirmos nossos semelhantes, também estenderá Suas mãos como gesto de misericórdia em nosso auxílio.

Encerrando, através destas páginas, a minha pequena colaboração na formação da *Trilogia* sobre o aborto, rogo ao Senhor da Yida que lhes cubra de amor e bênção.

Agradecemos aos nossos leitores amigos por lerem as páginas de nossos humildes livros.

ROSEMEIRE (Mentora Espiritual) 10/06/1983

II ENCERRAMENTO

A Paz seja com todos!

Almas irmãs! Desde o momento em que o Pai Criador nos permitiu ficarmos juntos ao trabalho na campanha contra o aborto considerado criminoso, agora, sinto encerrada a missão de nossa humilde colaboração. Porque já chegou a hora de darmos por encerrado o nosso compromisso de levar mensagens aos irmãos leitores, em forma de trilogia.

A minha colaboração foi quase que imperceptível e não passamos de um dos mais pequeninos na coordenação destas obras.

Assim sendo, consciente de que tudo procurei fazer para que a informação sobre o aborto chegasse até o querido(a) leitor(a), procurando alertá-los das conseqüências que, na verdade, são tristes e de sofrimento, que, de ma-

NÓS ABORTAMOS... 31

neira nenhuma, humildemente, desejamos aos irmãos leitores.

Agora, despedimo-nos, rogando ao nosso Divino e Amado Mestre Cristo de Deus que lhes cubra de entendimento e luz!

NICOLE (Mentor Espiritual) 15/06/1983

A ENFERMEIRA

Fez aborto em tantas vítimas, somente pelo dinheiro. E as moedas de nada valeram para a libertar das trevas e tortura visionária!

Num abismo profundo, vivi dias incontáveis em um sofrimento que não terminava nunca. Mergulhada na escuridão, ouvia lamentos, gritos, choros intermináveis, via figuras sem forma de vez em quando: um lugar em que sorvi o amargo fel pela ingratidão cometida quanto a oportunidade de reencamação que o Pai Criador me ofereceu.

Sem enxergar além da escuridão e sem meios para me libertar, tinha somente o remorso e peso de consciência por companhias, ouvido constantemente as vozes infantis das minhas vítimas, os pedidos de clemência e choros soluçantes.

Como louca tentava fugir daquilo, mas em vão. Porque o lugar onde estava, pântanos fétidos, impedia-me de me libertar, pois as entranhas arenosas me sugavam e sem enxergar nas brumas escuras, tateava o vazio à procura de algo físico, porém era tudo... nada!

Cenas e mais cenas terríveis eram repetidas a cada segundo. Minhas pequeninas vítimas faziam-me reviver os crimes cometidos e eram tão reais aqueles atos como se estivesse continuando a minha existência terrena. As visões vinham em detalhes, chegando a ver os indefesos fetos pedindo-me misericórdia e eu indiferente, visando somente o dinheiro que me proporcionava o bem estar.

Sem piedade, mergulhava os ferros frios na câmara uterina à procura do ser em formação, para destruir a vida fetal... Destruir com minhas mãos criminosas. £ quantas não

foram as minhas vítimas? Tudo era tão confuso e as vozes a pedir piedade eram tantas, que não conseguia contá-las. Via as mãozinhas, com horror, apontando-me com o dedinho indicador direito e suas vizinhas, num zumbido insuportável, chamando-me de criminosa.

Carreguei por longos anos intermináveis esse remorso, cujo registro se fizera pelas pequeninas vidas que foram exterminadas por mim. Reconheci que nada adiantou o bem estar adquirido através das moedas com a prática do aborto, se nada valiam para me livrar das trevas e dos tormentos perseguidores.

Lembrei-me, então, de Deus. Passei a dobrar-me de joelhos e pedir perdão pelos crimes praticados e foram tantas vezes, que senti os joelhos sangrarem a provocar feridas.

Quando estava a ponto de desanimar; ouvi uma voz intuitivamente, que dizia assim:

— “Não desista! Continue... Humilhe-se, implore perdão a Deus, que um dia Ele lhe atenderá”.

Animada por essa voz, continuei as súplicas com sincero arrependimento. Um dia, me vi livre daquele abismo, um vale pantanoso e em brumas, reinado por figuras deformadas, onde residi por vários anos, incontáveis para mim.

Recolhida por um abnegado Espírito, encontrei a presença da luz.

Sentia-me um farrapo e, cabisbaixa, caminhava nas dependências daquela colônia hospitalar, onde fora socorrida. Envergonhada pelas atitudes praticadas no passado, pelo desrespeito às vidas em formação, não tinha coragem de olhar para quem quer que de mim se aproximasse.

Passados mais anos em fase de recuperação, fui avisada que estava próxima a minha nova reencamação. Breve retomaria à Terra.

Que alegria! Pois sabia que, através da bendita porta de retomo à vida terrestre, poderia ressarcir os débitos contraídos na última existência.

NÓS ABORTAMOS... 37

Fiquei perguntando para mim mesma, por curiosidade, qual seria a nova existência. Onde reencamaria? Quais seriam as provas e expiações?

Pouco tempo depois, recebi a resposta.

A minha nova vida física será de muitas dificuldades. Reencarnarei em uma favela, onde irei saborear o amargo pão da miséria. Nos meus braços carregarei as vítimas do passado, os que não souberam me perdoar e terei de ser mãe de dar muito amor, no meio das dificuldades, a eles. Finalmente, aproximando o fim da minha vida, me verei portadora de enfermidade cancerígena, devorando-me célula por célula, órgão por órgão, até o domínio total, e o desencarne dará o golpe de misericórdia.

A Enfermeira

CÉSAR

O seu sentimento pelas crianças era aversão. Para ele, eram intrusos.

Marido de Nair, a obrigou a abortar duas vezes, exigindo com violência. Ela morreu por não conseguir ser mãe.

Ele se debate, hoje torturado, no umbral, chamando péla esposa...

Meu nome é César. .

Na minha última existência não simpatizava com crianças.

Relato que, durante a vida conjugal com Nair, por duas vezes me vi diante da sua gravidez indesejável e, sem considerar a necessidade da maternidade, exigi que ela se livrasse dos intrusos, que tentavam infiltrar-se em nosso lar, tentando, quem sabe, ocupar boa parte de meu tempo, para poder mantê-los, quer na alimentação ou no estudo.

A aversão pelas crianças teve início quando vi casais sem condição dando mais atenção e bem estar aos intrusos (filhos) preferindo viver uma vida cheia de privações, com lutas e sacrifícios.

Portanto, minha atitude, quando da gravidez de minha “cara-metade”, era violenta, raivosa, porque a minha esposa, com teimosia, insistia em ser mãe e que jamais abandonaria tal idéia.

Recordo de tê-la espancado nas duas vezes que engravidou. No fundo, isso me doía porque a amava, porém, se eu agia dessa forma, era por sua desobediência. Pobre Nair!

Nossa vida conjugal foi curta, pois notei que, após o segundo aborto praticado pela minha imposição acompanhada de espancamento, Nair parecia desiludida de tudo, triste e perturbada, porque chamava incessantemente os fetos pelos nomes de Naldo e Nair.

Dia após dia, vi-a chorar e sem se alimentar.

Com o correr do tempo, estava fraca e dominada por uma anemia profunda entregando-se aos braços da morte. A exaustão orgânica e mental foi a causa do seu desencarne.

Jovem ainda, me vi sozinho, sem alguém ao meu lado. Mas, sem me preocupar com isso, tinha, uma vontade enorme de viver e procurei novas companhias para aventuras e mais aventuras.

O tempo passou rapidamente. A velhice chegou e junto, a enfermidade.

Aqueles que eram meus amigos e comigo viveram de aventura e prazer, desapareceram. Aí, sim, encontrei-me sozinho e doente.

Chegou o dia do desencarne: mergulhara nas entranhas da terra, acometido por uma parada cardíaca. O vale umbral recolheu meu espírito.

O desencarne não foi uma libertação para mim, más sim ingresso em um mundo estranho de remorso e perturbação, onde só se ouviam lamentos, ranger de dentes, gritos histé-

ricos e soluçantes, e a escuridão era intensa, não podendo ver quem eram ou o que havia naquele lugar. Só sei que sofri cenas patéticas, perseguindo a minha consciência.

Ao debater-me nas trevas, chamava por minha esposa, Nair, porém as minhas palavras se timbravam no eco, no vazio... em mistura com outras vozes lamentosas.

Quando tentava descansar, eu recordava Nair, grávida e sendo surrada por mim. Via sua face angelical banhar-se em lágrimas e cada gotícula, que vertia de seus olhos azuis como o céu, me representava a figura de duas crianças e parecia ouvir suas vozes imploran-do-me: “Piedade! Deixe-me nascer!”

Assistia, indiferente e frio, a cena macabra das mãos criminosas por mim contratadas, a fazerem o aborto. A dor, que Nair sentia, era intensa, sufocando a sua voz para não gemer, impossibilitando-a de pronunciar uma frase que fosse em seu favor ou em favor das vidas, daquelas indefesas criaturinhas que eram exterminadas.

Não aguentava essas visões. Clamei piedade e perdão à querida Nair, mas qual...! tudo parecia em uma lacuna interminável. Um desespero sem fim, e chorei...

Já cansado, tudo parecia perdido e em vão. De repente, ouvi sua voz tema:

— “César, meu esposo querido, não se desespere. -Estou junto de você, orando para auxiliá-lo e retirá-lo desse sofrimento em que se encontra. A sua liberdade total se dará quando reparar os erros que cometeu. Escute: nunca deixarei de amá-lo, mas, por ora, não poderei permanecer ao seu lado, porque primeiro passará por provas e, nessa expiação, sentirá o mesmo sofrimento que você fez passar os nossos dois filhinhos. Serás expulso do ventre materno por duas vezes, e a dor e o desequilíbrio que experimentarás serão os mesmos que sentiram as nossas crianças. Só que a única diferença é que eles foram expulsos pelo aborto criminoso e você sofrerá as consequências de um desarranjo intra-uterino de sua futura mãe. Assim sofrerá um aborto natural.

“A distância entre nós aumentará a saudade. E, quando estiver, um dia, livre de seus crimes pela imposição do aborto, estarei à sua espera na estrada que nos conduzirá rumo à perfeição. Estarei aguardando-o em uma próxima reencarnação, nos encontraremos e se dará um recomeço de uma vida conjugal. Novamente, aqueles que, no passado, repudiou como seus filhos, voltarão em novas tentativas de reencarnar, para ouvir de seus lábios as doces palavras: — “Meus filhos queridos”.

Acabando de ouvir a revelação, tudo voltou ao silêncio.

Hoje, trago comigo as marcas do sofrimento, porque já passei as provas das duas expulsões pelo aborto natural, que foram dolorosas e intoleráveis. E, aguardo ansiosamente o dia do novo reencame, para viver com a querida Nair, com quem jamais levantarei a voz ou as mãos para maltratá-la, mas sim, acariciá-la, cuidá-la e amá-la com todo o meu coração, e esperar de seu ventre materno os filhos que rejeitei no passado. Esse é o meu desejo!

César

O DOUTOR

Tendo clínica médica, como ginecologista reconhecido, preferiu clinicar, clandestinamente, o uso de aborto, porque lhe oferecia uma fonte inesgotável de renda. As consequências foram tristes...

Treva... treva... Sem um pouco de réstia de luz. Sofrimento e mais sofrimento! Visões atormentadoras sem tréguas.

Réu confesso, diante do tribunal de minha própria consciência, aguardei o veredicto quanto aos crimes praticados por mim. Foram tristes e amarguradas conseqüências.

Lembro-me, quando na minha última vida na Terra, dos gestos afetuosos recebidos pelos meus pais e familiares. Fui uma pessoa querida e amada por eles.

Nascido em lar abastado, tive a regalia de ver realizados todos os meus pedidos e caprichos. Estudei nas melhores escolas da época e tudo foi feito para realizar o sonho dos meus pais: tomar-me médico.

Assim, com todas as facilidades para o estudo e dotado de inteligência, realizei os ideais dos meus genitores, isto é, me formei em medicina — doutor em Ginecologia.

Com o correr do tempo, eu tinha clientela com atividades constantes e, um belo dia, passei a me interessar pelo aborto, esquecendo os mandamentos de Hipócrates. Era imi meio fácil de ganhar mais encargos monetários, pois os abortos provocados por mim eram uma fonte inesgotável, vivendo em boa parte da carreira médica como mercenário inescrupuloso, desrespeitando a vida formada ou em formação, o que contrariava as leis de medicina hipocrática.

Os anos passaram rápidos e, para minha surpresa, tornei-me vítima de uma enfermidade e, por mais que lutasse contra a doença, acabei sendo vencido pela morte. Sim, digo morte, porque, mesmo do além (umbral), caminhei mergulhado em um sarcófago, atado por minhas vítimas, e mumificado pela indiferença que sempre alimentei em relação à vida fetal.

Yi quadros terríveis projetarem-se em minha tela mental, onde cada uma das pequeninas vítimas amaldiçoa va-me e chamava-me de assassino. Esse sofrimento foi aflitivo e interminável. Perguntei para mim mesmo:

— “Onde estava o juramento que deveria praticar diante dos mandamentos de Hipócrates? Por que fizera minhas mãos criminosas e tantas vítimas ?

A tortura na consciência era tanta, que pensei perder o juízo. Gritei pedindo auxílio. Gritei tantas vezes implorando misericórdia, mas ninguém parecia ouvir-me.... r

Para amenizar-me, senti mãos suaves am- parando-me, e reconheci que eram aqueles que me protegeram e me criaram, durante a minha existência física. Eram os meus pais. Surpreso, olhei para suas faces e estavam em lágrimas 1 Afinal, por que estavam chorando?

Antes mesmo que eu pronunciasse alguma palavra para eles, ouvi de seus lábios:

— “O que fez, querido filho? Queríamos que suas mãos fossem abençoadas por todos; queríamos que fosse o socorro dos enfermos para curá-los e a outros, os pequeninos, oferecer-lhes a vida. E o que fez, filho?”

Com soluços e lágrimas vertendo em abundância, sufocaram suas vozes. Percebi que eles estavam sofrendo por mim e isso me marcou. Extenuado, prostrei-me de joelhos e com lá-

grimace na face, supliquei-lhes perdão.

Nisto, surgiu uma criatura iluminada aproximando-se de mim e pedindo que a acompanhasse. Voltei o olhar para meus pais e estes pediram-me serenidade e que eu deveria acompanhar aquela entidade, porque era para 'o meu bem...

Acompanhando-a, fui recolhido em uma casa de tratamento, igual a um manicômio, permanecendo, ali, por muito tempo.

Quando uma nova oportunidade surgiu, fui avisado que estava próximo o meu reencontro, para reparação das faltas.

Tudo voltou à tranquilidade. Em pensamentos, fazia projetos para a nova existência, pois pensava: se fui médico na vida anterior, seria lógico eu voltar a ser médico. Assim sendo, na medicina, aproveitaria para reparar os erros, planejando ser grande defensor da vida e da saúde; sem medir esforços, com sentimento humano, curaria as criaturas que passassem pelas minhas mãos.

Foi essa a idéia que alimentei para ressarcir meus crimes. No entanto, chegando o dia do retorno à vida física na Terra, soube quais as funções que exerceria nela. Oh! Que decepção! Meus planos rolaram por água abaixo... Re-encarnaria, mas não como médico. O meu re-encarne se dará compulsoriamente e viverei no corpo de um idiota, para reparar o mau uso de minha inteligência e a falta do dever de médico.

O Doutor

AS PERMUTAS

Exigi da esposa que abortasse nas três gravidezes que surgiram, preferindo ter bens materiais: casa, televisor colorido, carro, etc.. Chegando a velhice, resolveram ter filho. Mas, o Espírito-feto desertou na quarta gravidez, provocando o desencarne da futura mãe.

A esposa o acusa de ser o causador de sua morte, em visões patéticas.

Queridos irmãos! Permitam que este Espírito sofredor possa lhes falar sobre suas desilusões.

' Em minha última estada na Terra, dei-me envolver pelas idéias de aquisição de bens materiais, isto é, ser rico. E quantas ilusões alimentei!

Diante dos fatos reais, vi que tudo aquilo conquistado durante quase que uma inteira existência na Terra, de nada me serviu na Pátria Espiritual, (plano inferior).

Vivi de permutas, isto é, tipo de negociações que envolveram os inofensivos seres e, sem defesa alguma, mandei matá-los através do aborto, porque preferi ter bens materiais.

Minha esposa também sofreu muito, pois foi obrigada à abortar três vezes, sofrendo maltratos, imposições e injúrias de toda espécie.

Desde o início de nossa vida conjugal, eu tomara precauções para que ela não engravidasse, mas houve um descuido por parte dela e engravidou logo nos primeiros meses de

casados.

Não aceitei aquela situação e, alegando a falta de recursos materiais para nosso lar, exigi que fizesse o aborto, prometendo-lhe que, depois de comprarmos um terreno, poderia receber o bebê, porque, assim, ele estaria mais seguro como herdeiro no futuro.

Difícil foi procurar e adquirir um terreno, porém não me foi impossível. Ajuntando o dinheiro, alguns anos depois, consegui comprá-lo.

Mal dera para contar os dias como proprietário da pequena gleba, minha esposa estava novamente grávida. Descobri pelo estranho mal-estar que ela vinha sentindo, obrigando-a a procurar os lugares privados, devido as imprevistas náuseas.

Yoltei a lhe explicar que era impossível e sem lógica continuar aquela gravidez, dizendo com estas palavras;

— “Onde estaria a segurança da futura criança, se só temos o terreno? O importante é primeiro construirmos uma casa e, aí sim, o bebezinho será recebido com alegria, porque ele terá uma morada garantida, não precisando viver daqui para acolá, à custa do aluguel”

Assim, mais uma vez a obriguei a abortar.

Depois de longo período de trabalho e economias, consegui construir a tão almejada casa. Meus sonhos se realizaram, já que eu era o proprietário da casa, então, mais outros planos deveriam continuar.

Quando estava tudo bem, alguns meses depois, tive uma outra decepção triste com minha esposa. Sem que ao menos me avisasse, engravidou e só soube quando já se encontrava no quarto mês de gestação 1

Aquela situação era desanimadora e não era justo considerar a insistência dela de ser mãe. E os meus sonhos, onde ficariam? Sempre desejei ter garagem com um carro de último tipo, jogo de sofá moderno, televisor colorido, aparelho de som, etc, E a ingrata grávida queria atrapalhar tudo com a presença do pequenino intruso. Não podia tolerar mais. Dirigi-lhe palavras injuriosas, ameacei de espancamento e separação, enfim, ela abortou pela terceira vez.

Tudo se realizou como planejei.

O tempo passou velozmente e já começava a sentir a vida vazia. Defrontando-me com o espelho, notei rugas em meu rosto e cabelos brancos envolvendo-me a cabeça, e a minha esposa também estava envelhecendo. Foi, então, que lembrei e senti a falta de um filho para enriquecer nosso lar e preencher o vazio de nossas vidas.

Programamos a volta da gravidez.

A partir do primeiro mês, iniciamos a compra do enxoval, móveis adequados para o futuro bebê.

No entanto, a gravidez não chegou ao terceiro mês, porque minha esposa, repentinamente, sofreu uma forte hemorragia, levando-a a abortar, e a perda deste tão esperado filho, ocasionou-lhe a morte (desencarne).

Quase enlouqueci por esta decepção. Agora, velho cansado, sem a esposa, sem filho, vivendo só, considerando que aqueles bens nada valiam para mim.

Aquela situação, ainda, não era nada; mal sabia o que me aguardava no futuro.

Sem que aos menos esperasse, fui recolhido nas entranhas da sepultura. Desencarnei.

A partir dali começaria um longo período de sofrimento, e o tormento mental maior era ver a minha esposa se debatendo em contrações pela dor do parto e acusando-me de responsável pela sua morte (desencarne).

Com remorso, colocava-me de joelhos e jurava-lhe que nunca passara pela minha cabeça a idéia de matá-la ou desejar sua morte, porque sempre a amei.

Mesmo assim, as visões continuavam pertinazes e, em lágrimas, a via acusando-me causador de sua morte.

Depois de muita tortura e pesar, socorreram-me e me colocaram em uma dependência do hospital de recuperação do espaço. Todavia, nos meus pensamentos, lembrava da querida esposa — onde estaria ela? E quando tornaria a vê-la?

Pui informado que, em breve, nos encontraríamos através de uma nova reencarnação, onde estaríamos juntos e casados, novamente.

E me revelaram, também, que o motivo do desencarne da minha esposa fora por vingança, quando houve a deserção do Espírito designado a reencarnar, abandonando o corpo, por não tolerar ser trocado, três vezes, por terreno, casa, carro, televisão colorida, etc.; e que eu fora o causador de seu desencarne, porque a obriguei a abortar, levando aquele Espírito a vingar-se, tirando na quarta gravidez a vida da minha esposa.

Agora, sabendo tudo isso, o que mais desejo é o reencarne, através do qual reencontrarei a minha amada e, juntos, repararemos as faltas.

As expiações serão de vivermos humildemente, sem poder possuir os bens materiais e, nas quatro paredes de um quarto de aluguel, sorveremos a amarga taça da solidão, sozinhos, e sem poder gerar filhos.

As Permutas

OS PAIS DO OBSESSOR

Eram jovens, não queriam filhos, preferindo a diversão e liberdade. A gravidez surgiu, recorreram ao aborto.

Após, o lar era ruína total: perturbação impulsionando brigas e dificuldades.

O Espiritismo entrou nas suas vidas e tudo voltou ao normal.

Permita-me tratá-los assim: Amados e queridos irmãos!

Hoje, nos encontramos livres dos corpos físicos e aproveitamos a oportunidade de relatar-lhes os nossos sofrimentos, pela ousadia que praticamos de desrespeitar a vida em formação.

Iniciou-se desde os primeiros meses de casados. Como éramos jovens, almejávamos progredir materialmente e aproveitarmos a vida, divertindo-nos. Combinamos, juntos — eia a nossa maior preocupação — em não termos filhos e tudo fazermos para evitá-los.

Passaram-se dias, semanas, anos, vivendo uma vida prazerosa e de aquisição de bens materiais (terrenos).

Certo dia, porém, para nossa surpresa, a gravidez se fez presente em nossa vida livre. Considerávamos intrometido aquele ser em formação e como queríamos viver em liberdade para as diversões, achamos por bem expulsar o feto, pela prática do aborto.

Procuramos uma parteira curiosa, e, no dia e hora marcados, executamos o pequenino ser, o que nos aliviou daquela presença.

Julgávamos livres do mesmo, mas qual! Alimentamos uma ilusão, pois, com o decorrer dos dias, terrível perturbação tomou conta do nosso lar. Já não dava mais para continuar a nossa vida conjugal e estava tudo para se romper entre nós. Qual seria o motivo de tanta discussão e brigas, por coisinhos à toa? Se nos amávamos tanto, por que não nos compreendíamos mais?

Não bastando os desentendimentos constantes, surgiu a enfermidade e o desemprego. Era a ruína total. Um verdadeiro inferno de perturbações e dor nos acompanhando dias, semanas, meses.

Quando já nos encontrávamos deprimidos, pensando em recorrer à separação, um vizinho que, há pouco tempo, viera morar próximo da nossa casa, ficando a par de nossa situação, aconselhou-nos a procurar uma Centro Espírita que, provavelmente solucionaria os problemas.

Antes, já havíamos procurado lugares religiosos e nada nos melhorou e, agora, quem sabe se o Espiritismo resolveria a situação...

No Centro Espírita, ficamos surpresos, porque um Espírito que se revelava sofrendo muito, apontava-nos acusando, a nós, os causadores de sua situação, por tê-lo abortado e sido expulso impiedosamente. Por isso, nos perseguia até nos levar à ruína total por vingança.

O dirigente dos trabalhos espíritas procurou acalmá-lo com orientação branda e prece espiritual e, logo após, esclareceu-nos com ensinamentos evangélicos e nos recomendou a leitura do Evangelho Segundo o Espiritismo.

Tudo indicava que daria certo, porque, depois de ouvir a doutrina dele, aquele Espírito pôs-se a chorar, dizendo estar arrependido e que não ia mais atormentar-nos.

Realmente, começamos a sentir a nossa vida mudar. A paz voltou a reinar no lar.

Algum tempo depois, novamente a gravidez surgiu. Entretanto, agora, éramos espíritas, freqüentando e estudando a Doutrina Codificada por Allan Kardec, e jamais pensaríamos em abortar novamente.

Às vésperas de recebermos o bebê, no Centro Espírita que freqüentávamos o Mentor

Espiritual informou-nos que aquela criança que iria reencarnar era a mesma, cujo Espírito havíamos expulsado e que, por vingança, nos perseguira obsessando-nos.

Mais do que nunca era tuna oportunidade muito valiosa para lhe oferecer amor, carinho e dar-lhes boas vindas em nosso lar. E aquele bebezinho nasceu. Procuramos educá-lo e foi criado com amor, até que o desencarne nos separou.

Hoje, ele é um homem formado, beneficiado com boa profissão. Contraiu núpcias com uma moça prendada, e para nossa alegria iremos reencarnar como filhos gêmeos desse casal. Iremos receber toda a educação e amor que lhe devotamos no passado, porque o amor cobriu o nosso erro quando o recebemos como filho.

Sendo assim, aquele que foi o obsessor, aceitamos como filho, e, hoje, o teremos como pai.
Os Pais do Obsessor

OS AVOS DA VERGONHA

Viveram os dois em um sofrimento interminável. A filha adolescente ficou grávida e, para os pais, o feto era a vergonha da família. Exigiram que ela abortasse ou porta para a rua.

O feto lhes aparece em visão interminável, perguntando:

“Por que me classificaram de vergonha... vergonha...”

Na distância que nos encontramos dos entes queridos, a saudade é tanta, que as lágrimas já derramadas parecem querer nos afogar.

Vivemos os dois em um sofrimento e suplício intermináveis.

Nas trevas, carregamos o remorso das ações praticadas. Constantemente, ouvimos a voz do pequenino ser a nos dizer:

— “Por que mandaram me matar, avozinhos?”

Dessa forma, como loucos, carregamos com impressões e suplícios, as visões do ato inclemente naquela indefesa criatura, por ferros torturantes.

Nas outras vezes, a mesma voz chorosa dizia:.

— “Por que me classificaram de vergonha ... vergonha...”

Imploramos aos céus que nos tirasse dessa tortura, pois já não basta a distância daqueles a quem tanto amamos? Por que temos de ouvir a voz soluçante nos acusando de causadores de seu desencarne e insistir que a temos chamado de vergonha ?

Não demorou muito para os céus responderem às nossas indagações:

— “Devem lembrar-se, queridos irmãos, que ,na Terra, tiveram um lar equilibrado financeiramente e, como cônjuges, viveram felizes, e do fruto dessa união receberam uma bela garotinha, dando-lhe educação e muito amor. Os anos se passaram, aquela menina, que era o orgulho do lar, entra na fase de adolescência. E, na escola, onde estudava, começou a sentir atração por um rapaz e passaram a se encontrar. Desses encontros às

escondidas, surgiu a gravidez.

E vocês, o que fizeram ?

Ao invés de ampará-la, oferecendo-lhe proteção e os recursos para a união através do santificado matrimônio para a reparação do erro, acharam por bem preservar a tradição da família primeiramente, só porque era muito conceituada perante a sociedade, e que jamais poderiam perdoá-la, dando-lhe duas opções : a porta da rua, ou só poderia voltar para casa se tivesse se livrado daquele feto em formação.

Suas atitudes desorientaram a jovem futura mãe. Sem saber o que fazer, encontrou uma única saída: aceitar os conselhos de parentes, vizinhos e daqueles que se diziam amigos — a execução através do aborto.

Recordem de que ela voltou sem a gravidez indesejável por vocês, pais que foram, e a receberam contentes, porque a tão honrada família continuaria bem aos olhos da sociedade.

Hoje, aqui lhes encontro em sofrimento e remorso. De que adiantou manter a família em honra, empurrando a jovem mãe a abortar o futuro netinho ?

Agora, choram e clamam misericórdia aos céus, para libertarem-se das trevas. Acreditem que, muito em breve, serão libertos, porque aquele pequenino ser que denominaram a vergonha, há muito tempo, se encontra reen-camado e consciente de que somente o amor supera tudo, aguarda-lhes para um novo reencontro gerando-os em sua entranha, e lhes chamará: Meus filhos queridos”.

Os Avós da Vergonha

POR DETRÁS DAQUELA PORTA

Um espírito caminhante encontra-se em uma casa abandonada.

Havia, ali dentro, gemidos e gar-galhadas.

Era um aclínica médica, com o calendário registrando a data de 14 de julho de 1948!

Do interior de uma casa antiga e abandonada, se ouvia gemidos e gargalhadas. O que haveria por detrás da porta e das janelas ?

Na porta de entrada mal dava para notar a presença de uma velha placa, com os seguintes escritos: “CLÍNICA MÉDICA”.

Por que havia gritos e gemidos a se misturarem com soluços e prantos ?

Ao me aproximar, vi um homem como louco a gritar e pela maneira de se vestir, indicava ser um médico. Mas, por que essa cena tão triste? Como que desequilibrado por completo, caminhava de encontro à porta aflitivamente e depois voltava para o centro da pequena sala, em desespero. Notava, também, que se dirigia para as janelas do fundo da residência, e, ao tocá-las, talvez para abri-las, voltava espavorido e em gritos falava:

— “Afastem-se de mim”.

Faltava algo para que a minha sensibilidade jmdesse registrar por completo os acontecimentos estranhos. Afinal, o que ele estava enxergando, a ponto de o aterrorizar tanto?

Lembrei-me de orar. Mal começara a balbuciar as primeiras palavras da prece, a minha visão começou a se dilatar, penetrando no mundo anormal daquele homem.

Divisei cenas horríveis. Junto da porta, notei mulheres esqueléticas e sem cor, mais se assemelhando a cadáveres ambulantes, que imploravam com os braços estendidos em direção do homem, pedindo-lhe:

— “Por misericórdia, devolva nossos filhos”.

Ele, como um histérico, afastava-se das mulheres, gritando, blasfemando:

— “Malditas! Não posso devolver seus filhos, porque não mais existem. Foram vocês que me pediram para abortá-los”.

Aquelas pobres e desgraçadas mulheres se mantinham, ali, a chorar, gemendo.

A situação estava intolerável para o homem que, por sua vez, procurava se refugiar em outros aposentos, mas, quando tentou abrir a janela, para dali fugir, eu o vi deparar-se com os pequeninos fetos que estendiam suas mãozinhas, pedindo-lhe piedade e chamando-o de monstro.

Cansado, angustiado e sem saída, deixava-se debruçar sobre uma poltrona velha e empoeirada. Perguntei a mim mesmo:

— Há quanto tempo aquela criatura sofria, prisioneira da antiga clínica médica?

Subitamente, ao olhar para a parede onde se encontrava uma antiga escrivaninha, notei a presença de um calendário registrando o dia 14 de Julho de 1948. Compreendi que há muitas décadas, o médico era prisioneiro daquele recinto, desde quando se deu o seu desen-carne.

Por curiosidade comecei a observar todo o ambiente, além de um grande fichário, aquele que naturalmente era o registro de sua clientela, notei também estranhos instrumentos dentro de um balde próximo a um pequeno leito, onde suas indefesas vítimas eram exterminadas pelo aborto.

O que fazer para ajudá-lo? Recordando o valor da prece, prostrei-me de joelhos e implorei misericórdia aos céus, em favor daquele homem, vivendo em um estado lastimável de sofrimento.

Em dado momento, percebi que as minhas súplicas foram atendidas. Aproximou-se um Espírito nimbado de luz que, estendendo-lhe as mãos, amparou-o em seus braços, para socorrê-lo na Pátria Espiritual.

Observei, atento, que, mal o Espírito iluminado o tinha tocado, trazendo-o junto ao peito, a criatura deixava-se dormir como uma criança. Mas, antes que se retirassem, perguntei à Entidade:

— Que irão fazer com essa criatura? Qual será o seu futuro?

Gentilmente, o bondoso Espírito me respondeu :

— “Iremos lhe prestar todo o socorro necessário para o seu reequilíbrio, apagando-lhe da mente em perturbação as imagens gravadas das vítimas. E, quanto ao seu futuro, só o Pai Celestial poderá determinar, porque este ser sofredor é um infrator do quinto mandamento XÃO MATARÁS”.

E, assim, o Espírito de luz se foi, levando consigo o ex-médico, desaparecendo num fecho iluminado.

A partir daquele momento, da velha casa, cuja placa indicava ser clínica médica, não mais se ouviu de seu interior: choro ou gargalhadas. E todas aquelas figuras patéticas se dissiparam.

ANDARILHA DAS TREVAS

Na terra, viveu a vida de aventuras; de amantes e mais amantes nas madrugadas de orgia.

Ficou grávida, mas abortou, e não era um feto, e sim, dois — o que seria casal de gêmeos. Agora é uma andarilha, caminhando sem tréguas, implorando o auxílio do Pai Celestial...

Como andarilha na sombra, caminhei tempos que me representaram eternidade.

Perturbada, tateando o solo úmido e mau cheiroso, carreguei o fruto amargo, devido minhas ações imorais exercidas.

Minhas companhias eram todas ilusórias, sendo apenas projeções de minha mente, na qual o registro se fizera durante a minha vivência física na Terra.

Pesado fardo de desespero e dor, ombreei sem tréguas. Figuras idênticas a mim desfiliavam nas ruas do prazer e do vício, fazendo-me lembrar a vida cheia de aventuras.

Meus amantes das noites prazerosas passavam à distância, misturando sorrisos e prantos, assemelhando-se aos desequilibrados, delirando.

Por que me encontrava naquela situação? Somente por causa dos prazeres e vícios? Não. Também, pelo aborto que pratiquei.

Lembro-me claramente que, em uma de minhas noites de aventura, me encontrei grávida. Aquela situação não deveria acontecer e era penosa para mim. O que fazer? Dar valor à vida em formação, gerando em minhas entranhas, ou expulsá-la pelo aborto, para prosseguir minha vida de aventuras, nas madrugadas em orgia?

Entre o prazer e a vida que se desenvolvia no útero, optei pelo prazer e a sensualidade, abortando o pequenino feto.

Ao fazê-lo, tive uma grande surpresa, pois, ao invés de ser uma única criança, eram duas. Acabava de exterminar uma casal de gêmeos.

Na hora, senti o remorso. O sangue gelou em minhas veias, e não sabia se gritava ou cho-

rava.

Alguns minutos depois, lembrei-me das avenidas, do piscar das luzes nas luminárias de publicidade e dos amantes da madrugada, fazendo-me esquecer a cena triste das duas pequeninas e indefesas vítimas.

Continuei a caminhada de aventuras, até que, um dia, a velhice chegou. Só e sem ninguém para partilhar o prazer e a vivência, aguardei o passar dos anos, o final de minha existência na Terra.

Hoje, já desencarnada, aqui me encontro como andarilha das trevas, suplicando o amparo do Pai Celestial e a oportunidade de uma nova reencarnação.

Quando estou exausta, me deixo adormecer e, nos sonhos, revelam qual será o meu futuro na próxima vida física. Nascerei de uma aventura, serei abandonada e terei cuidados de terceiros como órfã de pais desconhecidos.

Na adolescência, sofri um desarranjo genital, provocando-me uma hemorragia que me acompanhará nos longos anos de minhas expiações, como pena de lembrar o desrespeito que tive pelas vidas em formação, quando as abortei, trocando duas vidas pelo prazer e a orgia.

Andarilha das Trevas

SUPLICA DOS QUE JA ABORTARAM

Senhor, prostrados de joelhos diante de Vós, [rogamos misericórdia 1 Reconhecemos os erros que praticamos, quando [em nossa estada na Terra.

Pedimo-Te que entenda as nossas fraquezas

E imploramos, também, que interceda em [nosso favor;

Pedindo às nossas pequeninas vítimas pelo aborto que nos perdoe,

E, se for possível, nos permitir um novo reencontro em futura reencarnação.

Sabemos que Tuas leis são sábias e justas,

Compreendemos as necessidades de reparação de nossas faltas;

Assim sendo, imploramo-TE forças e resignação,

Para podermos compreender os sofrimentos que temos de passar,

Ao carregarmos o fardo da expiação.

E antes, Senhor, de nos despedirmos nesta singela oração que,

De joelhos, fazemos,

Queremos, mais uma vez, rogar-Te, que

Derrame Tuas bênçãos a todas as criaturas racionais,

Que vivem na Terra, iluminando seus corações,
Alertando-as, para que não venham a cometer
Os crimes que cometemos, através da prática do aborto.
Conscientes de que somos inferiores
E sabedores da Tua misericórdia em favor dos que erram,
Pedimos permissão para darmos por encerrados estes pedidos de súplica.
Assim seja!

A INEXPERIENTE

Perdão, meu filho. .

Perdão, meu filho.

Se pratiquei o aborto, não foi por maldade, mas sim por ignorância.

Porque, durante a minha gravidez, não faltou quem me aconselhasse na prática abortiva. Eu era jovem e inexperiente, somente via o bem-estar social e a aquisição de bens materiais; queria uma vida sem problemas, preocupações, tudo aquilo que era para jovem e de aventuras.

Ao surgir a gravidez, era uma barreira, um meio que não permitiria concretizar meus sonhos, usufruir a liberdade, enfim, não estava preparada para ser mãe.

Notei, juro, filho, que não passei despercebida da alegria de meu esposo quando soube que estava grávida, e, também, seus olhos encheram-se de lágrimas quando da decisão tomada por mim, isto é, abortar.

Não faltou quem não se aproveitasse de minha ingenuidade, aconselhando a livrar-me do bebê em formação fetal, isinuando que ele seria o obstáculo para minhas diversões, para realizar os sonhos e conservar a liberdade de viver. Queria uma vida melhor e já me diziam das dificuldades para a sua educação e que o mundo já andava cheio de misérias, vícios e marginalidade.

Foi assim, filho querido, graças à minha ingenuidade e inexperiência da vida, que me convenceram a separar-me de você. Abortei.

Hoje, amadurecida pelos longos anos vividos e me encontrando desencarnada, reconheço o crime que cometi. .

Tenho procurado por vários modos a esperança de poder revê-lo. Através das sábias lições deixadas por nosso Divino Mestre Jesus, encontrei estímulo na personagem da pecadora ⁽¹⁾. Quando estava prestes a ser apedrejada, graças à intervenção de Jesus, viu-se livre e sem ferimentos, e das palavras dóceis do Meigo Nazareno, ouviu a sublime frase:

— “Vá, mulher, e não peques mais.”

Não que a minha vida tenha sido de meretrício, mas aproveito essa lição da pecadora, que era a infratora do 6.º mandamento — “Não adulterar”, colocando-me como a

infratora do 5.º mandamento — “Não matarás”, e sentando no banco de réu, diante de minha própria consciência, gostaria de ouvir dos lábios do Mestre Jesus, essa frase benéfica :

— “Vá, mulher, e não peques mais.”

Agora, filho, que me encontro diante de você, venho implorar-lhe o perdão. Perdão, meu filho!

Rogo aos Céus, que a bendita porta da reencarnação nos permita reencontrarmos no mesmo lar, pelo abençoado laço de família.

A Inexperiente

(1) Novo Testamento: João, Cap. VIII: Vers. 5-II. Jesus”.

UM ESPÍRITO

Uma falange de Espíritos trevosos aguardavam o desencarne de uma mulher.

Surgiu o luminoso Espírito criança a defendendo, apesar de sua prática de aborto.

“Ninguém irá tocar nesta mulher”

Uma moribunda criatura, em um leito de dor, estava prestes a desencarnar. Do outro lado da vida, um cortejo de Espíritos inferiores, envoltos em trevas, aguardavam-na.

O que teria feito aquela mulher, para tal recepção?

Entre as vozes macabras, ouvia-se os dizeres em escárnio:

— Ela abortou, portanto, pertence a nós; ela irá ao nosso mundo das trevas.

Naquele momento, a mulher exalou o último suspiro. Os seres das sombras aguardavam ansiosamente, para colocar as mãos sobre ela.

De súbito, ouviu-se uma voz infantil, firme, surpreendendo os Espíritos:

— “Ninguém irá tocar nessa..mulher.

Surgiu uma intensa luz, afugentando as figuras a distância, e de seus fochos luminosos formou-se o rosto de uma criança.

Uma das figuras das trevas reclamou, dizendo :

— Você é da Luz, pequeno anjo, mas esta mulher nos pertence, porque é criminosa na prática do aborto. Não é justo, você tirá-la, já que é igual a nós, e por isso mesmo, deixe-nos levá-la.

Mas, o pequeno Espírito luminoso respondeu com voz segura, novamente :

— Ninguém, entre vocês, irá tocar nessa mulher.

A recém-desencarnada, vendo-se alvo da luta, com dificuldades queria falar, mas devido a sua fraqueza, bulbueiou:

— Sublime anjo, agradeço a sua bondade, porém, tenho os meus pecados e não sou digna

de sua luz... Deixe-os me levar... '

O pequeno ser iluminado respondeu com carinho:

— Não posso, querida irmã. Eu vim aqui com missão de socorrê-la 'e não deixá-la ser entregue às trevas. Sabemos que você errou, cometendo o aborto, mas, logo se arrependeu do ato. E com o decorrer dos anos, se preocupou em praticar o bem.

Certa vez, lembro-me bem, uma família, em desespero pela miséria e enfermidade, procurou você sabendo o bem que fazias. Teve compaixão por eles, oferecendo-lhes: agasalhos, remédios e alimentos, durante muito tempo. Dentre os filhos daquela família, havia um bebezinho de quatro meses com que você - simpatizou com amor e carinho, e prometeu aos pais que criaria a criança como se fosse seu filho. Porém, o bebê era vítima de desidratação e estava muito fraco.

Por mais que você se esforçasse, durante um mês de luta entre a vida e a morte, a criança não conseguiu sobreviver, vindo a desencarnar em seus braços.

Aquela família, que você assistiu, se reequilibrou graças a sua caridade, levando uma vida normal e feliz*

Hoje, nesse dia de seu desencarne, aqui me encontro para protegê-la e levá-la comigo à Pátria Espiritual, porque "Somente o amor cobre a multidão de erros e pecados E revelo, querida irmã, sou aquele bebê que desencarnou em seus braços."

Após alguns segundos de silêncio, o iluminado Espírito expressou:

— Afastem-se daqui, habitantes das trevas, porque, por Cristo Nosso Senhor, ninguém de vocês irá tocar nesta mulher.

E, envolvendo-a em seus fochos de luz, eonduziu-a çõnsigo para, o Plano Superior. "

Um Espírito

MENSAGEM DE UM ABORTADO

O espírito Rosemeire traduz, em mensagens, os pensamentos dos abortados.

Mensagem De Um Abortado

Hoje eu vivo na incerteza,
Por ter sofrido a aspereza,
De um ABORTO brutal,
Negaram-me a existência,
Mesmo que implorasse Clemência,
Para não sofrer tão grande mal.
Caminho ainda na esperança,

Que me guardem na lembrança,
De um compromisso assumido.
Quem sabe abrirão as portas da maternidade, Envolvendo-me de felicidade,
E no ventre materno venha a ser assistido.
E assim, alma-feminina,
Demonstrai a disciplina,
No atendimento ao Criador.
Creia, tudo já está programado,
E meu espírito preparado,
Para viver de teu amor.
Reencamar é uma bênção,
Embora muitos não creem,
Esta é a realidade.
A humanidade tende a crescer,
E com o Cristo iremos o ABORTO vencer, Para nascermos na sublimidade.

Rosemeire

Mensagem recebida pelo médium Nércio Antônio Alves em 29-07-80, em mesa redonda, debatendo a problemática ABORTO à luz da Doutrina Espirita, no núcleo Espirita "Paz e Amor em Jesus".